

FORUM DE CIENCIA E CULTURA

A REALIDADE AMAZONICA

OSWALDO SANTOS DE SOUZA

N 51



A REALIDADE AMAZÔNICA

1977

Oswaldo Santos de Souza

Nº 51

I - INTRODUÇÃO

Em 16 de junho de 1970, o Presidente Médici assinou o decreto-lei nº 1.106 criando o programa de Integração Nacional. Seis dias antes, traumatizado pela visão da seca que assolava o Nordeste, o Presidente dizia no final da patética oração que pronunciou:

"... E hoje, nesta cidade do Recife, perante governadores e ministros, pensando no povo, particularmente no povo nordestino, quero dizer que não me sinto com poderes e dons para fazer milagres, mas tenho firmeza, confiança e decisão para proclamar à Nação inteira que, com a ajuda de todos os brasileiros e com a ajuda de Deus, o Nordeste afinal haverá de mudar".

Ante a visão do drama do Nordeste, o presidente tomou a histórica decisão e com ela nasceu a Transamazônica, obra do século, que viria assombrar o mundo, orgulhar e emocionar os brasileiros, colocando em evidência a Amazônica Brasileira.

Em 8 de outubro de 1970, em seu pronunciamento - em Manaus, o Presidente Médici reafirma a idéia de integração total da Amazônia, conforme se depreende dos seguintes trechos:

"... Venho para trazer à gente desta terra a crença do meu governo e o entusiasmo do Brasil inteiro nos destinos da Amazônia. E, por isso mesmo, quero ser, aqui, mais do que nunca, realista, e verdadeiro, para não ser, um instante sequer, messiânico, fantasista ou prometedor, na terra em que tudo sempre permitiu a imaginação.

A Amazônia ainda não encontrou sua vocação econômica. O café e o cacau, a madeira e a borracha, o boi, a juta e a castanha tem sido momentos passageiros de riqueza, momentos que não trouxeram mais duradouras mudanças na infra-estrutura sócio-econômica. Não encontrou a Amazônia a sua vocação porque, sendo mais da metade do Brasil, não se fez ainda de todo conhecida...

Veza por outra, quase sempre vinda do estrangeiro, debatem-se as idéias de planos milagrosos para o despertar da Amazônia, que, se nem sempre se mostram válidos, viáveis e coerentes ao menos dizem do interesse estrangeiro sobre a terra prometida e nos acendem o brio nacional.

Cumpra, pois, conhece-la mais a fundo, visto que sem possuir dados concretos que se situem além da lenda, da ficção e do imediatismo, ninguém pode garantir agora qual seja a sua vocação econômica, nem oferecer-lhe o milagre de romper, em curto prazo, o seu isolamento geoeconômico, desencadiando o processo de seu desenvolvimento em bases equilibradas e permanente rentáveis, e auto-sustentáveis.

Seria insensato realizar, aqui nesta hora, um grande projeto de desenvolvimento puramente regional, que desviasse poupanças e créditos capazes de gerar riquezas maiores e mais rápidas em outras regiões.

Muito mais insensato seria, no entanto, ignorar a Amazônia, usando rígidos critérios de prioridade econômica e deixá-la ficar no passado e ainda envolta no mistério, sempre vulnerável à infiltração, à cobiça e à corrosão de um processo desnacionalizante, que se alimenta e se fermenta em nossa incúria.

O cotação da Amazônia é o cenário para que se diga ao povo que a Revolução e este governo são essencialmente nacionalista, entendido o nacionalismo como a afirmação do interesse nacional sobre quaisquer interesse e a prevalência das soluções brasileiras para os problemas do Brasil...

Manaus é o lugar para que o meu Governo apresente as linhas gerais da primeira fase de sua política para a Amazônia e diga a decisão de assegurar, com energia e vontade, a soberania brasileira nesta outra metade do Brasil e de fazer andar o relógio Amazônico, que muito se atrasou e ficou parado no passado.

Quero dizer que o problema inicial da Amazônia é conhecê-la de verdade. E que para conhecê-la como é pre-

eiso, impõe-se torná-la mais próxima e mais aberta, para se poder povoá-la. Assim, a política de meu governo na Amazônia está voltada prioritariamente para a realização de um gigantesco esforço de integração, no duplo objetivo da descoberta e da humanização...

Em síntese: ou cresceremos juntos todos os brasileiros ou nos retardaremos indefinidamente para crescer. E, como segunda alternativa não é admissível, o Programa de Integração Nacional terá de ser, como decidimos que será, um instrumento a serviço do progresso de todo Brasil.

Impõe-se oferecer um novo horizonte aos nordestinos carentes de terra e de capital, e mostrar-lhes os caminhos de ser formador da riqueza, valorizador da terra, fator de poupança acelerador do crescimento econômico nacional.

Aquilo que não se pode fazer devido à escassez de capital pode ser feito com o programa integrado de colonização e de desenvolvimento, com mínimo de recursos econômicos, capaz de gerar rapidamente a riqueza, para completar, sem inflação, o esforço necessário à solução dos dois problemas: o do homem sem terras do Nordeste e o da terra sem homens na Amazônia..."

2 - A AMAZÔNIA

Oficialmente, a Amazônia é definida como a região formada pelos estados do Amazonas, Acre e Pará, territórios de Rondônia, Roraima e Amapá, bem como as áreas do Mato Grosso situadas ao norte do paralelo 16, de Goiás, ao norte do paralelo 13 e do Maranhão, a oeste do meridiano 44.

A superfície total de suas terras é de aproximadamente de cinco milhões de quilômetros quadrados e sua população é de pouco mais de sete milhões de habitantes.

A enorme região permaneceu, durante cinco séculos de história, distante, esquecida. Sua colonização raramente obedeceu a qualquer plano, seu acesso se fez quase que exclusivamente através dos rios. Usando a expressão

do ensaísta amazônico Leandro Tocantins, o rio comanda a vida.

Vivendo de uma lavoura primitiva, do produto da selva, traduzido pela extração da castanha e da seringa, da caça de animais selvagens, para exportação de peles, e da derrubada indiscriminada de suas árvores mais nobres, seu povo, entretanto, foi sempre um bravo, realizando uma tarefa de domínio, vencendo a natureza tropical.

Região tropical, a Amazônia não apresentou os índices do progresso que se podem encontrar em outras partes da Sul-América, ou em outras áreas do território nacional, em razão de sua condição de trópico, mas por força de outras razões, imediatistas, da ação do homem sobre a natureza dominadora, que despertou, a ação predatória.

As restrições que se faziam, no passado, aos trópicos, baseados em contatos nem sempre longos, ou observações científicas apressadas, estão perdendo expressão. Na verdade, as restrições eram muito mais posições políticas, compreensíveis, de países colonialistas, interessados em manter-se sobre populações submetidas à soberania ou a seus interesses econômicos que resultado realístico de indagações científicas.

O debate sobre os trópicos, na sua forma negativa, está começando a constituir capítulo em vias de perda total de substância e interesse.

2.1 - O Clima

A Amazônia é o lugar mais quente, chuvoso e úmido do país. O naturalista inglês Alfred Wallace Russel, classificou o clima da Amazônia como um dos mais saudáveis e amenos do mundo.

Existe uma notável regularidade entre as médias das máximas e das mínimas nas grandes cidades da Amazônia, umas em torno de 31 e outras em torno de 22 graus. Estrangeiros que já viveram em outros trópicos, principalmente, adoraram o clima.

As diferenças, não mais de 1 ou 2 graus, são explicadas por exemplo, pelo fato de Boa Vista estar acima da linha do Equador e ser portanto mais quente. Ou por Rio Branco estar mais próxima da cordilheira dos andes, de onde sopram ventos frios e, portanto, sua média de temperaturas mínimas ser mais baixa.

No sudoeste da Amazônia, áreas do Acre e de Roraima, ventos gelados dos Andes, que os habitantes da região chamam de "friagem" provocam nos meses de inverno quedas de temperatura quase típicas do sul do Brasil.

Em Sena Madureira, no ano passado, houve dias de cinco graus, coisa que não ocorre no resto da Amazônia. Em Belém, no mesmo período, a temperatura não desceu abaixo de 18,5 graus; em Manaus nunca ficou menor que 17,6.

Em muitos lugares, as noites são frescas e agradáveis, especialmente nas zonas montanhosas.

Durante os dias, para quase toda extensa região, o calor úmido e suarento é a impressão dominante e para quem não gosta de chuva, a Amazônia não é exatamente a terra ideal. Quando chega a metade de outubro, a mudança da estação passa a ser anunciada. Nesses dias, de repente, tem-se a impressão de que virá o dilúvio. O tempo se fecha, tudo fica cinzento e depois preto, enquanto raios e relâmpagos parecem rasgar o céu. Isso acontece, um dia, dois, três, sem que caia uma gota de água. Numa quarta vez quando se espera novamente a tempestade seca, o mundo vem abaixo, no dilúvio. Esse fim do mundo raramente demora mais que uma ou duas horas. Logo o dia se abre e tudo continua claro. Até novembro segue assim, uma dessas quedas de água a cada um, dois ou três dias. A essa altura, as águas dos rios já começaram a subir, Das chuvas de quase todo o dia, em novembro, já começa a chover todo dia em dezembro e, janeiro e fevereiro, passa a chover o dia todo. E chove com intensidade, como se nunca tivesse chovido antes. Aí as já estão causando transtornos. Quilômetros de estradas, enche-se de rios. Rios de 60 metros de largura passam a mais de 200 metros.

A umidade da Amazônia, entre 70% e 95%, é ainda maior dentro da floresta. Na cidade, a umidade é menor, mas não muito.

2.2 - Relevo

A planície Amazônica é como se fosse uma calha, em forma de V, mais larga em um dos extremos afunilando no outro. Sua extremidade larga (é gigantesca), na base da cordilheira dos Andes é sua extremidade afunilada no atlântico, diante da ilha de Marajó.

Esta calha-planície, em cujo centro escorre o rio Amazonas, e de cujas paredes laterais descem 1.100 rios e milhões de filetes de água, é pouco inclinada.

Ela domina a paisagem da Amazônia, ocupando quase metade de sua área. Dez por cento dela, cerca de 300 000 quilômetros quadrados, ficam parcial ou permanentemente inundadas. São as várzeas (beiras de rio cobertas pelas águas durante os meses das cheias) e os igapós, trechos de floresta que vivem em clima de verdadeiros lagos nunca secos. A planície é cercada por três formações mais elevadas. Na sua cabeceira, a oeste, ficam os Andes com suas encostas, entretanto, praticamente fora do Brasil. Dos lados, cercando a planície, e colocados de feito a dar-lhe a forma afunilada, estão o planalto das Guianas na parte de cima, e o planalto brasileiro, a baixo.

Da planície para o norte, em direção ao planalto das Guianas, as terras sobem devagar e acabam chegando a grandes alturas. Formam então os picos mais elevados do Brasil. Nos limites do Brasil com a Venezuela ficam várias serras, como as de Paracaima, Tumucumaque e Roraima. Nessa região está localizado o pico da Neblina (3,014 m) que é o mais alto do país.

Já o planalto brasileiro, que cerca a planície na parte de baixo, é menos elevado, com serras, como a do cachimbo, cujas altitudes não passam de 1000 e poucos metros.

A área do planalto é também extensa, cerca de um

terço da área total.

2.3 - Rios

O mais poderoso rio do mundo, a maior e mais extensa bacia hidrográfica do mundo, alguns dos maiores rios do planeta, eis a bacia Amazônica. Comparadas com os rios famosos, os rios amazônicos são realmente impressionantes.

O Amazonas é o tronco de uma imensa árvore líquida onde se contam cerca de 1.100 ramos que recebem o nome de rios e alguns milhões de correntes menores, instáveis na estação seca, os igarapés. A rede hidrográfica cobre uma área de mais de 6 milhões de quilômetros quadrados. Trata-se da maior rede hidrográfica do mundo, responsável por um quinto da água doce do planeta.

As cores das águas dessa bacia são as mais variadas. Encontram-se águas cristalinas (Xingu, Tocantins), águas de cor de cáqui (Madeira, Purus, Juruá, Solimões, Japurá), verde musgo (Trombetas, Jari, Nhamundá) e até águas negras (Negro). As águas cristalinas vêm de rios velhos e maduros. São rios que nascem e percorrem as regiões pré-cambrianas. Suas águas são pobres em elementos minerais, mas sendo translúcidas permitem a formação de plancto, o alimento que permite a existência de fauna aquática.

Os rios de águas cáquis, como o Amazonas, denominadas "brancos" nascem nas encostas da cordilheira dos Andes, no alto do Acre e em áreas dos territórios da Colômbia, Equador e Peru. São rios novos porque tiveram origem após a formação da cadeia dos Andes. E são também imaturos porque sua calha foi, é e continuará a ser instável. Carregam muitos sedimentos (de 50 a 250 miligramas de material em suspensão por litro) que aterram margens, criam e destroem ilhas. O Amazonas que em um minuto e meio de vazão encheria a baía da Guanabara, transporta 620 milhões de toneladas de substâncias em suspensão por ano. Isso torna suas águas turvas: a luz do sol penetra superficialmente e a transparência não ultrapassa 30 centímetros.

Os rios de águas negras são novos e maduros. Formaram-se após o levantamento dos Andes no terciário. Suas águas vêm de solos impermeáveis, de terras tufosas atravessando grandes igapós de solos pobres. A cor é resultante da decomposição de matéria orgânica vegetal, os ácidos húmicos. São as águas mais pobres e mais ácidas de toda a Amazônia. Os peixes são poucos, mas em compensação, como a água parece ter um efeito esterilizante, quando invade os ninhos dos insetos próximos às margens, são poucos também os famosos carapanãs, encontrados na beira de quase todos os outros rios.

As águas praticamente dominam a vida da Amazônia. O quadro abaixo mostra como se comportam os rios na seca e nas cheias.

| RIO | LOCAL | VAZÃO (m ³ /seg) | | ALTURA(m) | |
|------------|-----------------|-----------------------------|----------|-----------|-------|
| | | cheia | seca | cheia | seca |
| Amazonas | Óbidos | 227 000 | 73 000,0 | 6,75 | -0,65 |
| Mamoré | Guajará-Mirim | 11 285 | 1 011,0 | 9,28 | 4,10 |
| Madeira | Porto Velho | 30 000 | - | 12,11 | -0,07 |
| Acre | Xapuri | 483 | 7,7 | 8,39 | 2,28 |
| Acre | Rio Branco | 1 280 | 15,1 | 15,81 | 2,52 |
| Acre | F. Peixoto | 967 | 29,4 | 13,78 | 3,98 |
| Ituxi | São Gregório | 1 405 | 1,5 | 15,34 | 8,90 |
| Yaco | Boca do Cafezal | 822 | 12,8 | 10,28 | 1,84 |
| Purus | Sering. Carid. | 1 808 | 73,0 | 9,45 | 2,86 |
| Purus | Boca do Acre | 5 387 | 130,0 | 18,47 | 5,17 |
| Purus | Fortalêza | 8 751 | 439,0 | 22,26 | 6,65 |
| Purus | Lábrea | 10 542 | 1 474,0 | 19,65 | 6,14 |
| Juruá | Cruzeiro do Sul | 2 597 | 99,6 | 12,63 | 2,94 |
| Branco | Caracará | 10 333 | 676,0 | 7,86 | 1,40 |
| Itacaiunas | B. do Cinzento | 774 | 6,9 | 4,56 | 1,28 |
| Itacaiunas | Fazenda Alegre | 1 480 | 7,4 | 10,87 | 2,37 |
| Tocantins | Itupiranga | 29 040 | 1 698,0 | 12,63 | 1,11 |

Fonte: Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis (medições entre 1967 e 1971).

Conforme se verifica, na Amazônia os grandes rios sobem mais 10 metros e as vezes quase 30. Dados recentes registram para o rio Amazonas altura máxima de 6,75 metros em relação ao mar, mas ele já atingiu na grande enchente de 1953, em Manaus, uma altura de 29,7 metros acima do nível do mar. Salvo quando atingem níveis catastróficos, as enchentes são benéficas. Elas levam o húmus fertilizante às várzeas para suas plantações e tornam navegáveis quase todos os rios.

2.4 - Floresta e Fauna

Escrevia Paul Le Coite, no começo do século:

"Se ela não tem nada de precisamente sedutor, nada tem tampouco de terrível. Não corresponde nem às descrições pomposas que dela fizeram, sem jamais tê-la visto, alguns poetas de imaginação fértil, nem qualificativos poucos amáveis com que a gratificaram alguns pseudos-exploradores que, do convés dum confortável paquete, terão divisado apenas as matas pantanosas da embocadura do rio, ou mesmo das margens do seu curso médio, alagadas periodicamente pelas enchentes anuais, e que julgaram descrevê-la perfeitamente declarando-a horrível, fétida, absolutamente impenetrável, verdadeiro covil de cobras e insetos peçonhentos".

Os insetos são de longe os representantes mais terríveis da fauna amazônica.

O piúm é o explorador diurno mais comum e irritante. Pretinho, poucos milímetros, não vive mais de oito horas. Mas seu ferrão faz um pequeno furo onde a pele fica irritada, coça e após a cicatrização fica um pontinho preto.

O borrachudo é o maior que o piúm e mais insaciável. Bebe uma quantidade de sangue superior à sua carga de decolagem que o impede de voar após a picada.

Há ainda o pernilongo, o carapanã, o anofelino, o feblótomo e a muriçoca, mesca de até 3 centímetros, possuidora de uma sirena.

Os macacos da Amazônia são todos arborícolas e,

com uma única exceção (o bugio-do-cerrado), vivem nas matas. Há numerosas espécies, desde os saguis minúsculos até os guaribas, ditos bugios no sul, cujos bandos são chamados "capelas", sendo um macho velho o chefe. Esses animais param em certos lugares para uivar em conjunto e o ronco é o barulho mais impressionante da hiléia. No entanto o animal é inofensivo e sua carne boa.

A grande maioria de mamíferos encontrados na mata amazônica pertence a grupos que não são exclusivos da floresta. Tatus, tamanduás, onças, cachorros-do-mato, veados, porcos-do-mato, lebres, antas são animais que ocorrem também no cerrado e mesmo na caatinga.

Encontra-se na Amazônia a fauna mais rica do mundo. São cerca de 1 800 espécies. Ao contrário dos animais terrestres, tipicamente das florestas, a Amazônia exibe uma fantástica coleção de aves aquáticas e ribeirinhas em seus campos de várzea, pântanos e lagos. Não são aves características da região. As aves características estão dentro da mata. No chão e nas árvores baixas temos os macucos, os mutuns, os jacamins. Nas copas temos algumas das aves mais lindas do mundo, tais como saíras, cotingas, tangarás, araras e a variada e abundante tribo dos papagaios.

As serpentes, especialmente as venenosas, são raras na floresta.

O mais temível ofídio da Amazônia é a surucucu - pico-de-jaca, que passa dos 3 metros e segrega grande quantidade de um veneno muito forte. É um animal que se distribui, da América Central ao Estado do Rio, sempre na mata densa, ao contrário da cascavel, que vive nos campos (inclusive nos da Amazônia) e não entra na sombra.

Sucuris e jibóias são comuns na Amazônia, mas de maneira nenhuma peculiares a ela.

Quanto aos peixes, temos na Amazônia uma fauna abundante e variada. Conhecem-se cerca 1 500 espécies.

Como a Amazônia é a região onde se formaram e de onde irradiaram as faunas fluviais do continente, poucos são exclusivamente amazônicos. Mas há muitas espécies no

táveis. O aruanã e pirarucu pertencem a grupos muito antigos, com parentes na África e na região oriental. A diversidade dos "peixes de couro" (bagres) é enorme, abundando espécies grandes, tais como a piraíba, a pirarara e diversos surubins.

Entre os peixes de escama temos o cação, pescadas, o tambaqui, acarás e as piranhas, entre outros.

Ainda na fauna aquática temos os jacarés. Há na Amazônia quatro espécies: o acu, o tinga e duas outras - conhecidas completamente como pedra. O acu é o maior de todos, bem escuro, quase preto. Sempre muito caçado, é difícil vêr-se hoje exemplares de 3 metros ou mais.

Finalmente, temos as tartarugas. A grande tartaruga amazônica é um bicho extraordinário. Sua carapaça - chega aos 90 centímetros.

Outra espécie do mesmo gênero, muito apreciada - pela carne e pelos ovos e o tracajá.

A fauna de insetos da Amazônia não é bem conhecida não sendo possível estimar-se o número de espécies. Sabemos, no entanto, de uma grande variedade de borboletas. Sabemos de que os parasitos de plantas (brocas de madeira, percevejos do mato, minas) devem ser muito diversificados, pois a diversidade de plantas é enorme. Conhecem-se uma grande quantidade de insetos sugadores de sangue e transmissores de moléstias - desde as diversas formas de malária até viroses obscuras.

A Amazônia é pobre em moluscos terrestres. O fato aparentemente banal, tem no entanto um importante significado ecológico: indica falta de calcio, indispensável a formação da concha.

2.5 - Salubridade

O pesquisador Camillo Viana, de Belém do Pará, preferiu aceitar a Amazônia como uma área desconhecida do que como uma área doente.

Camillo e outros pesquisadores estão convencidos de que a Amazônia é um lugar tão habitável quanto qualquer outro.

Junto com o problema da verminose, a malária es-

ta presente em todo o território amazônico. No entanto, desde a adoção do DDT e da criação da Campanha de Erradicação da Malária sua incidência tem sido reduzida sensivelmente.

A malária não é uma doença tropical típica da Amazônia. Ela foi problema na Europa, extinta nesse século.

Números fornecidos pelo Dr. Agostinho Cruz Marques, Diretor da CEM para a Amazônia Ocidental, mostram que, desde a adoção do DDT, em 1962, até o ano passado, o percentual global da malária na Amazônia Ocidental (Acre, Rondônia e Roraima) caiu de 31,5% para 31%.

Há regiões, como a do médio Amazonas, praticamente sem problema de malária (0,85% de positividade). Na região do baixo Amazonas, onde vivem mais de dois terços da população do Estado (cerca de 900.000 habitantes), a malária não existe como problema de saúde.

O problema é que, sem ter dado origem à malária, a Amazônia apresenta condições ideais para a sua propagação: temperatura alta, umidade, chuvas. São condições ideais para o anophele.

- Diz o Dr. Paulo de Almeida Machado: - quem pensa no futuro da Amazônia deve se preocupar muito mais com o problema da Lepra, do que com a malária. A Organização Mundial da Saúde considera grave o problema quando há 4,5 - contaminados em mil habitantes. Aqui na Amazônia, só no Estado do Acre tem 8 por mil.

As condições de clima (quente e úmido), a higiene precária e a pobreza parecem determinar que a lepra seja o grande problema médico da região.

Segundo o Dr. Almeida Machado, o fato não deve de forma alguma assustar os colonizadores e explica: - A Noruega, por volta de 1890, era um dos maiores focos do mundo. O problema estava relacionado com a falta de higiene. Hoje, a Noruega não tem um leproso sequer. Curou-se com o desenvolvimento e a educação sanitária.

Baseado em que toda a doença na Amazônia vem do binômio ignorância-pobreza, o Dr. Camillo Viana traça um quadro impressionante!

- No Pará, 49% da população até quatro anos de idade morrem de desintéria e desidratação. O índice de verminose, se levado a sério, é de 99%. Pega-se um indivíduo e ele é portador de pelo menos oito enteroparasitas. Ele tem parasitismo crônico e múltiplo.

Duas doenças graves são conhecidas como tipicamente locais: a febre negra e a micose de Jorge Lôbo.

A febre negra, com maior incidência na região dos rios Purus e Pará, é mortal em 90% dos casos, sendo no entanto rara, não se conhecendo mais de 60 casos.

Quanto a micose de Jorge Lôbo, sabe-se que sua origem está ligada a atividades extrativas da região e são conhecidos 87 casos.

A leishmaniose (ferida braba) que poderia ser considerada amazônica, por ter feito inúmeras vítimas na construção da Belém-Brasília é típica do desbravamento e pode ser curada em três ou quatro meses. É transmitida por um mosquito - o flebótomo - que se multiplica nas primeiras fases da derrubada da mata. Pode ser curada em três ou quatro meses.

Conclui-se, então, que as doenças típicas da Amazônia tem incidência mínima ou nenhum efeito desastroso.

A doença de chagas não é conhecida na Amazônia, embora existam na região dezenas de tipos de "barbeiros".

A esquistossomose so agora está chegando à Amazônia: há três focos conhecidos - Fordlândia, Quatipuru e Belém. As chances de expandir-se são poucas, pois falta nas águas dos rios amazônicos o cálcio para formar a concha do caramujo, o hospedeiro da doença.

3 - A INTEGRAÇÃO

A Amazônia brasileira com área de aproximadamente cinco milhões de quilômetro quadrados e uma população de pouco mais de sete milhões de habitantes ocupa 12% de toda a região tropical úmida do Globo. Em 39 milhões de quilômetros quadrados de trópicos úmidos (área que representa um terço das terras exploráveis do planeta) existe cerca de 1,1 bilhão de habitantes. Diante disso constata-se, então, a desproporção demográfica do trópico brasileiro:

ocupando 12% da área total, a Amazônia contribui apenas com 0,06% da população dos trópicos. Esses números, em termos de densidade, revelam o valor do vazio amazônico.

Na Amazônia a densidade é de 1,4 hab/Km² e se forem deduzidas, do total, as populações correspondentes às capitais e a parte oriental bem servidas por estradas, conclui-se que no interior amazônico vivem apenas mais ou menos 2.100.000 habitantes o que dá uma densidade igual a 0,6 hab/Km², havendo lugares com 0,18 hab/Km².

Com um crescimento populacional meramente vegetativo, se mantidas constantes as condições do último decênio (crescimento de 53/1000 habitante), a Amazônia chegará ao ano 2.000 com 15 milhões de habitantes e sua densidade demográfica será de apenas 3 hab/Km².

Em torno desses números e diante do drama do nordestino, com homens sem terra e terra sem homens, é que se desenvolve a preocupação pela ocupação e integração - mais rápida da Amazônia.

Paralelamente não se pode esquecer que a ocupação e integração é desejável e necessária, diante da cobiça internacional sobre a região. As tentativas do Instituto da Hiléia, do Instituto de Pesquisas Tropicais e, recentemente, do Instituto Hudson são a evidência de que não cessa essa cobiça.

A Amazônia, essa enorme região, dentro da qual se acomodaria facilmente, e com sobra, a Europa Ocidental inteira, será, com soluções e planejamentos nossos, povoada, ocupada e desenvolvida. A inteligência humana já realizou na Amazônia brasileira, uma ação criadora. As cidades capitais que construiu, com a participação efetiva da bravura e tenacidade brasileira, comprovam essa afirmativa.

Não podemos mais aceitar o rio comandando a vida, com o homem cedendo aos imperativos do meio físico incapaz de desenvolver-se, tomar decisões e ter sucesso. Se esse estado se pode ser encontrado em alguns locais, nem por isso podemos deixar de constatar que, enfrentando o meio físico o homem multiplicou-se e já agora semeia o trabalho agrário, criatório, o empreendimento industrial.

O homem amazônico vivia ao longo dos rios, utilizando as várzeas para suas atividades. A terra firme, distante, era tida como de difícil acesso para o que não a atividade predatória do extrativismo imediatista. Com a abertura das rodovias o homem já começa a vitória sobre a terra firme. A Belém-Brasília, a Manaus-Itacoatiara, a Manaus-Porto Velho, a Manaus-Manacapuru, a Porto-Velho-Brasília, a Bragança-São Luiz, a Macapá-Gravelândia, a Manaus-Caracarahy significam mudança e êxito na renovação.

A Transamazônica, com as providências complementares, constitui o empreendimento mais ousado, nas últimas décadas. Efetivada, e posteriormente a Manaus-Roraima, juntamente com as demais projetadas e as em execução, completará um sistema que possibilitará a ocupação de nossos grandes vãos demográficos.

Ao partir para o povoamento e ocupação efetiva da região, o governo brasileiro apoiou-se na premissa de que a disponibilidade isolada de transporte não motiva o desenvolvimento.

A execução do plano de colonização da Amazônia foi confiada ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

Para se fazer frente à sua missão, o INCRA recebeu, através do Decreto Lei nº 1.164, de 12 de abril de 1971, a posse de todas as terras devolutas situadas nas faixas de 100 quilômetros de cada lado das rodovias federais. Somente isso representa uma área superior a dois milhões de quilômetros quadrados, maior portanto do que noventa países do mundo...

Paralelamente à rodovia Transamazônica e num intervalo de dez quilômetros, são construídas agrovilas. Cada agrovila abrange um raio de ação de no máximo cinco quilômetros.

A integração da Amazônia motivou e motiva todo o país.

Industriais do açúcar em São Paulo, os Ometto, já instalaram uma fazenda na Amazônia. É a fazenda Suiá-Missu. Nela já estão 30.000 cabeças de gado, o começo de um rebanho que deve chegar a 125.000 cabeças e tornar-se o maior

do Brasil e um dos maiores do mundo. Como os Ometto, grandes empresas do sul, da Volkswagen à União Brasileira de Bancos, estão utilizando seus recursos para comprar grandes áreas na região e abrir pastagens. A região Amazônica está fadada a ser o grande centro exportador de carne do mundo.

O cultivo da terra, com as culturas de subsistência e as culturas permanentes, já começou e os técnicos garantem seu sucesso mediante planejamento racional e assistência permanente.

Basicamente, agricultura é produção do verde. Os elementos dessa produção (esquecendo-se os prováveis adubos, por enquanto) São quatro: sol, gás carbônico, água e terra. Uma planta precisa de solo para fixar-se e retirar dele alguns sais minerais. E "come" basicamente, gás carbônico e energia solar (fotossíntese). Somando tudo, a Amazônia fica com um saldo sensacional para essa agricultura.

Durante muito tempo se acreditou que a terra é de baixa fertilidade, tem poucos sais minerais. De fato a terra é ruim.

Mas, se os solos fossem problema principal, como se explicaria a presença da grande floresta sobre eles?

Ele parece ter superado por conta própria as deficiências de seu solo. Lança sobre ele galhos e folhas podres; esses materiais são decompostos e transformados nos sais que ela precisa.

O segredo da agricultura na Amazônia estão então no ciclo da floresta. Se o agricultor derrubando a mata para o plantio souber manter a fertilidade da camada de húmus deixado pela floresta, terá as melhores condições possíveis para a agricultura. Nossos técnicos estudam como imitar esse ciclo e evitar que o húmus seja levado pelas águas, logo que se desmata a floresta. Experiências estão sendo feitas e com ótimos resultados.

De qualquer forma as perspectivas da agricultura Amazônica são extraordinárias e parecem, no momento, caminhando para em direção às várzeas e florestas novas nas terras firmes do vale.

O subsolo da Amazônia oferecendo surpresas magníficas. Em seu subsolo se encontram riquíssimas reservas de ferro, manganês, cassiterita, bauxita, ouro, prata, cobre, diamantes, chumbo, algema, calcário, cristal de rocha e, possivelmente, de minérios radioativos. Na serra dos Carajás foi constatada a existência de minério de ferro em jazidas superiores a 400 milhões de toneladas, com uma espessura média em torno de cem metros e de uma riqueza ferrífera superior a sessenta por cento, o que as enquadra entre as mais ricas do mundo.

O projeto "RADAM" que através de levantamentos aéreos procedidos com métodos revolucionários, realiza minucioso mapeamento dos em toda a Amazônia teria associado a localização das castanheiras com jazidas de urânio, eis que as castanhas apresentam apreciável teor radioativo.

Acredita-se que na exploração de minérios o futuro da Amazônia ultrapassará todas as previsões e a "SUDAM" considera o aproveitamento de suas reservas como um dos sustentáculos para o desenvolvimento econômico da região. Em decorrência, vem intensificando trabalhos no sentido de reunir elementos básicos para uma atuação profícua, tais como levantamentos topográficos, mapas com indicações de áreas de ocorrências minerais e atualização do potencial já conhecido.

No momento, a exploração de minérios se encontra em fase inicial e o seu potencial ainda não é conhecido na totalidade.

A Amazônica vai sendo conquistada.

Hidroelétricas são construídas, portos aparelhados, áreas saneadas, estradas ligam regiões distantes.

O aumento do potencial das usinas possibilitará atendimento satisfatório doméstico e do parque industrial em expansão. A Amazônia que, atualmente, possui uma disponibilidade energética de 149.462KW, dentro de pouco tempo, com a ampliação que vem se desenvolvendo possuirá 515,477 KW, garantindo a cobertura das necessidades industriais da região.

S U M A R I O

| | |
|-----------------------------|----|
| 1-INTRODUÇÃO | 1 |
| 2-A AMAZÔNIA | 3 |
| 2.1- O Clima | 4 |
| 2.2- O Relevo..... | 6 |
| 2.3-Rios | 7 |
| 2.4- Floresta e Fauna | 9 |
| 3- A INTEGRAÇÃO | 13 |

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Transamazônica a redescoberta do Brasil- Flavio A. Gomes

A Amazônia e os seu desenvolvimento- Arthur Cesar F. Reis

(Caderno de Estudos Brasileiros- UFRJ)

Revista REALIDADE de outubro 1971

Noticias e pronunciamentos na imprensa diária

